

ENTREVISTA

Prof. Dr. Vinicius Modolo Teixeira

InterAção — Na sua tese de doutorado intitulada **Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa: limites e possibilidades na América do Sul e na sua dissertação de mestrado “A Cooperação em Defesa na América do Sul como base para a Integração do Continente”**, há elementos convergentes e divergentes na avaliação da cooperação em defesa na América do Sul durante o período da sua produção acadêmica. Conte um pouco sobre as similaridades e diferenças nesses dois trabalhos acadêmicos.

Vinicius M. Teixeira — Trabalhos acadêmicos como esses estão sujeitos às mudanças de governos, interesses e conjunturas internacionais. No primeiro momento, durante o mestrado, iniciado em 2011, vivíamos um momento promissor para essas pesquisas, quando tínhamos um governo interessado na promoção da Cooperação em Defesa em companhia de nossos vizinhos. Ainda nesse período, os eventos acadêmicos dedicavam espaços especificamente a esse debate, reunindo pesquisadores de diversas formações e de países da região. Já no doutorado, iniciado em 2014, esses ambientes começaram a desaparecer, ficando restritos a nossas associações dedicadas ao tema, o que era sintomático do esmorecimento desse debate a nível regional e início das crises que passaram a assolar a América do Sul. Como esse segundo projeto era relacionado também à Geopolítica mundial, foi possível sua atualização, passando a entender o projeto de cooperação em defesa da região como parte de um processo global, ao mesmo tempo

que sua paralização obedecia a interesses externos e demonstrava mais uma vez a América do Sul como um território secundário frente às disputas que se mantém concentradas na Eurásia, ficando a nossa região alinhada no suporte aos interesses das organizações ocidentais sem nada ganhar com isso. Em ambos os trabalhos penso que deixo claro a necessidade da convergência entre os países da América do Sul, a começar pela cooperação em defesa, para que possamos nos fortalecer e resistir a determinadas pressões oriundas de outras regiões, que já se encontram organizadas nesses mesmos moldes. Contudo, devido aos momentos diferentes de suas conclusões, cada um expõe as expectativas dominantes de seu tempo, sendo que no primeiro se espera a evolução desses projetos e no segundo visualizamos seu esfacelamento. Certamente é um tema com muito a se explorar, tanto pelas mutações dos interesses, como para retomar projetos perdidos e que poderiam guiar nossos governos para a convergência estratégica. Acredito que nossos professores e outros amigos pesquisadores tem muito a contribuir para isso.

IA — Qual ou quais foram os erros estratégicos da política externa brasileira no que concerne a cooperação em defesa na América do Sul?

VMT — A cooperação, e em especial, a cooperação em defesa, são difíceis de serem atingidos. A concordância entre as partes para que o objetivo de um plano de cooperação possa ser atingido deve obedecer ao compartilhamento de obrigações,

mas também dos ganhos que o processo eventualmente trará. Isso é uma atividade complexa já que envolve uma série de atores. No caso da América do Sul, com 12 países envolvidos no processo regido pela UNASUL, tínhamos que contar também com as forças armadas desses países, que nunca estiveram totalmente separadas das decisões políticas em alguns países, tendo assim papel ativo e por vezes divergentes dos interesses dos governos de turno. Há ainda o papel das empresas que compõem a Base Industrial de Defesa desses países, sejam elas privadas ou estatais, que tinham seus próprios interesses, não alinhados com Conselho de Defesa Sul-Americano. Dessa forma, o Brasil, ao se propor como líder desse processo, foi falho ao não conseguir alinhar e ao mesmo, em alguns casos, compreender essa complexidade, oferecendo poucos ganhos e oportunidades aos seus parceiros e continentais. Essa dinâmica reforçou uma imagem negativa do país em alguns círculos, ao demonstrar que a referida cooperação era uma forma de ampliar o mercado produtivo das indústrias de defesa brasileiras sem que as indústrias dos vizinhos tivessem espaço nesse processo. O caso que sempre me vem em mente para exemplificar essa questão é o da tentativa de produzir uma aeronave de treinamento para os membros da UNASUL. O avião seria feito na Argentina, por sua indústria aeronáutica, contando com a revisão do projeto e encomenda por outros países da região. O Brasil, inicialmente atrelado ao projeto, optou mais tarde por não adquirir a aeronave, já que não atendia a requisitos próprios da Força Aérea e também enfrentava lobby intenso de empresas locais, que visavam a venda de um avião próprio. Ao retirar o suporte, o Brasil colocou o projeto em cheque, já que sem suas encomendas a aeronave se tornava inviável. O resultado disso é que os países da região acabaram comprando aeronaves italianas, estadunidenses e chinesas para cumprir essa função, enquanto o Brasil, ao entrar em crise econômica, não adquiriu o seu projeto próprio, adiando a substituição das antigas aeronaves T-25. Uma oportunidade perdida para a cooperação regional.

IA — A cooperação em defesa na América do Sul está no ápice do seu declínio? Podemos estabelecer uma relação entre integração regional e cooperação em defesa? Ou também estamos em processo de declínio em questão de integração?

VMT — O momento atual é bastante complicado para analisar. Há uma turbulência de características inéditas balançando a América do Sul. Fazer uma avaliação nesse momento, tentando relacionar alguns fatos a episódios anteriores e tentar compor o cenário, eventualmente nos leva a uma imprecisão. Porém, também não podemos nos furtar de tentar desvendar a atualidade. Em minha opinião já estivemos muito melhor no que se refere à cooperação em defesa na região, mas também já estivemos muito piores, com rivalidades abertas e ameaças de conflitos entre nossos vizinhos. Assim, não estamos mais no ápice, mas também estamos distantes do ponto mais baixo da curva. Acho que podemos entender que dada as tensões em vários dos países que compunham a UNASUL, a cooperação em defesa na região encontra-se em suspensão, a espera de uma direção, que tanto pode ser para a retomada de projetos conjuntos, como para o reavivamento de rivalidades conflitivas, que nesse caso seria bastante triste. Os protestos no Chile, um governo provisório na Bolívia, a interminável crise venezuelana e o atual governo brasileiro, que nega a histórica diplomacia do país em prol de alinhamentos bastante contestáveis e pouco promissores, expõe parte das dificuldades que os governos da região encontram para o diálogo e a proposição de projetos conjuntos. Como pesquisador da América do Sul desde a graduação, o momento atual, apesar de decepcionante, é apenas mais uma das fases que se alternam desde o século XIX, entre aproximação, indiferença e rivalidade entre os países. Como acabei defendendo em meus trabalhos, concordando com outros pesquisadores do tema, a cooperação em defesa deve ser a base para a integração regional, já que a cooperação em defesa poderia diminuir as rivalidades existentes, proporcionando um ambiente amistoso e livre de retóricas militares que acompanharam a história da região.

Com o desenvolvimento da cooperação em defesa, que eventualmente levaria à cooperação em diversos setores críticos, ela poderia servir como incentivo para outras negociações comerciais, tecnológicas e políticas. Essas questões deverão esperar por um novo sopro de governantes que reavivem os projetos de integração e cooperação regional, que há dois séculos são tentados

IA — Uma curiosidade histórica: qual, ou quais, foram os segredos para o êxito do Spitfire e do Hurricane (dos britânicos) na batalha da Inglaterra durante a II Guerra Mundial? ?

VMT — Esse episódio é um dos mais emblemáticos da história da guerra aérea. Pela primeira vez no conflito ocorreu uma batalha exclusivamente aérea e pela primeira vez a Alemanha e sua Luftwaffe foi derrotada. Diversos livros e artigos foram escritos sobre o tema, alguns dos quais redigidos durante ou logo após o conflito mistificaram o episódio. Durante os meses em que ocorreram a Batalha da Inglaterra, na metade de 1940, a Inglaterra tinha menos esquadrões de caça do que necessitava, pouquíssimo tempo para poder treinar novos pilotos e substituir suas baixas durante os enfrentamentos. Dos caças que dispunham, 2/3 eram Hurricanes e o restante Spitfires, mais modernos e ágeis que os primeiros, mas em menor quantidade. Esses aviões que se encontravam nas primeiras versões, sob alguns aspectos e condições de voo, eram inferiores em desempenho aos caças alemães. Um exemplo é que os caças britânicos, ambos equipados com motores Rolls-Royce Merlin, não conseguiam executar mergulhos invertidos ou

experimental Gs negativos, sob o risco de os motores apagarem por falta de alimentação de combustível. Já os alemães, com motores invertidos e injeção de combustível, executavam esses mergulhos como manobras evasivas, fugindo dos caças ingleses. O segredo do sucesso dos pilotos britânicos, na realidade, estava mais vinculado a estratégia montada pelo Comando de Caças Britânico, chefiado por Hugh Dowding, que não expunha grandes quantidades aviões ao mesmo tempo nas batalhas; ao uso do radar, que avisava os ingleses com certa antecedência, permitindo o envio dos caças para os locais exatos onde estavam os agressores, sem perda de tempo e com muita eficácia; além de terem um controle de operações centralizados, o qual havia sido especificamente desenvolvido para as missões de defesa aérea. Some-se a isso que os britânicos “jogavam em casa”, podendo contar com maior tempo de voo para realizar patrulhas e combater, enquanto que os BF-109 e 110, que decolavam da França ocupada, estavam no limite de sua autonomia, podendo dispender poucos minutos em combates e perseguições antes de retornar. Isso facilitava o trabalho dos caças britânicos no abate de bombardeiros alemães, que ficavam sozinhos após algum tempo de combate sobre as ilhas britânicas e eram os principais alvos dos ingleses. Outros problemas afetavam os alemães, como os rádios dos bombardeiros e dos caças, que operavam em frequências diferentes, impossibilitando a comunicação entre eles. Assim, uma série de fatores levou ao sucesso do Comando de Caças, de seus pilotos e das aeronaves Hurricane e Spitfire.

SOBRE O ENTREVISTADO:

O Prof. Dr. Vinicius Modolo Teixeira é Doutor em Geografia na área de Análise Ambiental e Dinâmica Territorial pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2019). Possui graduação em Licenciatura (2010) e Bacharelado (2013) em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, e mestrado (2013) em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é docente e Coordenador do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) - Campus Universitário de Sinop. Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Política, Geopolítica, Conflitos e Cooperação na América do sul, Cooperação em Defesa e Conflitos Contemporâneos.